

CAPÍTULO QUINZE
**PODER E APARÊNCIAS EM *LEITE DERRAMADO*,
DE CHICO BUARQUE**

JOÃO FELLIPE JONAS DA SILVA
Mestrando em Literatura
Universidade de Brasília (UnB)

DOI 10.56372/desleituras.v12i12.195

Resumo: O ensaio analisa o romance *Leite Derramado*, de Chico Buarque, através da dicotomia entre aparência e realidade, explorando o poder nas relações familiares do narrador Eulálio Montenegro d'Assumpção. A narrativa, embasada na perspectiva de Antonio Candido, reflete a decadência da elite brasileira ao longo de momentos significativos da história nacional. O estudo destaca a relação disfuncional de Eulálio com seus pais, sua esposa Matilde e a filha Maria Eulália, revelando como as aparências da aristocracia escondem traumas e relações de poder intrincadas. Além disso, a figura dos serviçais Balbinos exemplifica as relações de servidão e privilégio. O autor argumenta que a modernização brasileira, conforme observado por Candido, é marcada por desigualdades persistentes. A obra de Buarque, então, se revela um retrato profundo do Brasil, elucidando a continuidade da violência social e os mecanismos de opressão nas dinâmicas familiares, onde o simbolismo do leite derramado representa a fragilidade das aparências.

Palavras-chave: Eulálio. Aparência. Poder. Elite. *Leite Derramado*. Chico Buarque

Abstract: This essay analyzes Chico Buarque's novel *Leite Derramado* (*Spilled Milk*) through the dichotomy between appearance and reality, exploring the power within the family relationships of narrator Eulálio Montenegro d'Assumpção. The narrative, based on the perspective of Antonio Candido, reflects the decline of the Brazilian elite throughout significant moments in national history. The study highlights Eulálio's dysfunctional relationship with his parents, his wife Matilde, and his daughter Maria Eulália, revealing how the appearances of aristocracy conceal traumas and intricate power relations. Furthermore, the figure of the servants Balbinos exemplifies relationships of servitude and privilege. The author argues that Brazilian modernization, as observed by Candido, is marked by persistent inequalities. Buarque's work, then, reveals itself as a profound portrait of Brazil, elucidating the continuity of social violence and the mechanisms of oppression in family dynamics, where the symbolism of spilled milk represents the fragility of appearances.

Keywords: Eulálio. Appearance. Chico Buarque. *Leite Derramado*

INTRODUÇÃO

Candido, no texto *Literatura e Subdesenvolvimento*, comenta sobre como as noções de Brasil mudaram, partindo da ideia de País Novo e em desenvolvimento, sob um clima de otimismo, para o País em Subdesenvolvimento, consciente da sua “modernização pelo alto”, que nunca compreende a nação em sua totalidade (1989). Nesse sentido, a modernização coube às camadas mais privilegiadas da sociedade, culminando num contraste entre o moderno e o atrasado, que, como cita o crítico, foi interpretado pela literatura. Dessa forma, este ensaio intui contrastar a aparência e realidade no romance *Leite Derramado*, de Chico Buarque. Sob a narração meio fantasiosa, desconfiável e bagunçada do herdeiro decadente Eulálio Montenegro d’Assumpção (que será nomeado, neste ensaio, como Eulálio Narrador), que, moribundo, aos 100 anos, rememora a família Assumpção e seu histórico enquanto elite no Brasil. O romance, marcado pela aparência e pelo autoritarismo, traça um desenho da elite brasileira decadente durante alguns ciclos importantes, como o colonial, o imperial e o republicano, sob um caminho decadente. Se, por um lado, o jovem, filho de um prolífico senador, herdava a posição do pai na belle époque carioca dos anos 20, do outro lado, agonizava um decadente herdeiro das elites, sob “gritos, vizinhos entubados e baratas andando na parede” (Schwarz, 2014, p. 137). Nesse sentido, procura-se, nas próximas páginas, entender-se como o Eulálio Narrador enxerga esse poder enquanto herdeiro e figurado sob as aparências.

Além das aparências, *Leite Derramado* é um romance sobre poder nas relações. Em canções como *Construção*, de 1971, ou *Cálice*, 1978, Buarque procura mostrar, em suas obras, a dialética entre poder e relações, sob efeitos da ditadura militar brasileira presente à época. Na obra analisada, o cantor-romancista não foi diferente, porém configurou essa dialética nas camadas mais abastadas da sociedade. Nesse sentido, esse ensaio também procurará analisar algumas das relações que o Eulálio Narrador teve durante a obra. Serão analisadas as relações entre a família pela qual o narrador constituiu-se, com o pai senador, a mãe aristocrata e toda a

linhagem anterior; as relações do narrador com Matilde, sua filha, Maria Eulália e a linhagem posterior; e, também a relação dos Eulálios com os Balbinos, os serviços do clã Assumpção.

Por fim, entender *Leite Derramado* como um intérprete da vida burguesa num país subdesenvolvido como o Brasil, sob todas as contradições que permeiam essa vida nessas condições, como a disparidade entre as camadas, as aparências que ilustram a vida aristocrática, as relações com os serviços; é uma atividade prolífica que traduz, na literatura, as diversas posições da História brasileira.

O PODER ENTRE APARÊNCIA E ESSÊNCIA

Leite Derramado é um perfeito exemplo de como o romance formula-se a partir das ideias de Lukács sobre o romance. Aqui, há as agonias de uma burguesia em crise, na qual o narrador herdeiro discute seu poder frente a uma sociedade que não o aceita mais, porém, esse poder é configurado nas várias esferas da sua vida, e, além disso, não há sua figuração como herói, mas como símbolo do fracasso. Além disso, *Leite Derramado* é um romance de poder e aparências. A mãe do narrador é um exemplo perfeito de tal, pois enquanto figurava uma posição aristocrática, como a mãe e esposa quase troféu, com seus vestuários trazidos da Europa pelo marido senador da República velha, agonizava, dentro da visão de família perfeita, uma mulher de faltas, que possuía uma relação distante com o filho, um casamento marcado por traições do marido, um envelhecimento senil clamando aos tempos áureos. Outro grande exemplo é o do próprio Eulálio Narrador, que, mesmo decadente e abandonado no hospital, corteja uma das enfermeiras, dizendo que ensiná-la-ia a “falar direito, usar os diferentes talheres e copos de vinho” (Buarque, 2009, p. 29). Porém, não só esses dois personagens que se figuram nas aparências, mas todo o livro é construído a partir dos tempos áureos e prósperos, do Eulálio que era próximo de D. Manuel no séc. XV, e dos tempos decadentes e atuais, marcados pelo Eulálio Traficante.

Inclusive, há de citar-se que a marca da virada da prosperidade para a decadência é o próprio Eulálio Narrador, que, o casamento com Matilde, trouxe à mostra aquilo que a família disfarçava dentre suas linhagens: os traços negróides. Embora houvesse, disfarçadamente, na família da mãe, pessoas com esses traços, como o tio Badeco, que possuía o “cabelo pixaim”, Matilde, de cor castanha, representa a quebra da aparência considerada “perfeita” dessa estrutura familiar. Isso representa, inclusive, a mistura de classes baseadas na cor que caracterizam as gerações pós-Eulálio Narrador, nas quais descendentes miscigenados surgem com mais presença. Essa premissa, inclusive, é brilhantemente ilustrada por Buarque na cena em que os três, Eulálio, Matilde e a mãe, sentam-se próximos: “Passou comigo e com Matilde para o sofá luís-quinze ali mesmo na sala de música, onde o mordomo nos serviu o champanhe e seu refresco. Sentado entre as duas, eu me sentia um pouco tenso de postura, o sofá luís-quinze não era confortável” (Buarque, 2009, p. 86). A posição de Eulálio, entre o tradicional, representado pela mãe, e o novo disruptivo, representado por Matilde, é fulcral para entender como a aparência configura as famílias tradicionais da elite. Ele, por ser o filho da tradição e concomitantemente por não possuir as habilidades do pai em negociatas, acaba por figurar os filhos dessa elite, que conseguem suas posições a partir do nome, principalmente, porém, não são os mais aptos para o cargo que ocupam, e aí que nasce o princípio da decadência do Eulálio Narrador. Além de toda essa representação, o fato de estarem sentados em um sofá imperial, que representa a aristocracia, e esse sofá incomodar Eulálio ilustra, principalmente, a função da aparência dentro dessa camada da civilização brasileira.

Essa centralidade do Eulálio Narrador como a chave da decadência do nome dos Assumpção é importante para entender a figuração do poder no romance. O narrador, por ser filho do pai senador, possuía o nome que lhe garantia um emprego, porém, quando o poder desceu às mãos dele, ele não soube manejá-lo da mesma forma clientelista que o pai manejava. Não soubera como lidar com a política, com o tráfico de armas, etc. No fim, Eulálio

é uma espécie do herói fracassado andradiano¹, sem caráter, que praticamente desiste de si. Porém, faz-se necessário citar quem veio antes do narrador, que ele fala com tanto saudosismo, e quem veio depois.

Como já fora citado, o nome Eulálio Assumpção assumiu diferentes personas em momentos-chave da formação brasileira. O primeiro deles é o Eulálio que era confidente de D. Manuel, durante o séc. XV. Embora o narrador cite ele, há pouco no romance. Mas há três Eulálios interessantes de serem comentados: o bisavô escravagista, o avô abolicionista e o pai senador. Esses três Eulálios, cada qual a seu modo, também são filhos de seus tempos diferentes. Inicialmente, esse primeiro Eulálio firma seu poder usando daquele que era o comércio mais lucrativo na sua época: o escravagismo. O Eulálio Bisavô enriqueceu muito durante esse tempo, gerando sustentação para surgir o próximo Eulálio, que também configura o poder, mas de uma forma contrária. O Eulálio Avô era um abolicionista, que, durante seu tempo, provavelmente próximo à abolição, propagava que os negros libertos voltassem à África, no que ele chama de “Nova Libéria”. Aqui, figura-se o poder pela glória, o mesmo que induzira a Brás Cubas pensar sobre seu emplastro². O narrador cita com orgulho a forma pela qual o avô conduziu todo o processo, chegando até a firmar a bandeira do país, porém, sendo interceptado pelo fim do Império. Aqui, há palco para aquele que é o maior exemplo de pessoa para o narrador, o Eulálio Pai. Esse é o Eulálio que é o maior filho de seu tempo. Schwarz, em *Ideias Fora do Lugar*, comenta como o clientelismo do favor na época escravagista do Brasil. Esse favor cria relações de poder, e é aí que Eulálio Pai trabalha. Segundo o narrador, o pai era negociador de armas, amigo de presidentes e um prolífico senador da República. Porém, construíra essa rede de dominação sob o favor, sob as negociatas. Seu poder foi tão forte que o próprio Eulálio Narrador conseguiu herdar essas funções.

1 Ler “As Elegias de Abril”, de Mário de Andrade.

2 Ler “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis

Como já fora ressaltado, Eulálio Narrador foi um ponto crucial na transformação do nome Eulálio Assumpção. O porquê dessa afirmativa mora no seu núcleo familiar. Até o momento, o clã Assumpção sempre foi iniciado por primogênitos, por isso, o patriarcalismo também confirmou o poder do nome Assumpção. Porém, além de ter se casado com uma moça não-branca, o narrador quebrou essa ordem com o nascimento de Maria Eulália. Esse nascimento possibilitou que um segundo nome também coordenasse a estrutura familiar: Palumba. Ao casar-se com Amerigo Palumba, a primeira primogênita nomeou aquela que seria a nova formulação - e o início da decadência do nome dos Assumpção - da família, os Assumpção Palumba. Amerigo surge aqui como um novo poder contra os Assumpção, pois se casou com Maria Eulália, figurando-se como um bom partido (aos olhos do que era considerado um bom partido), porém golpeando a família, marcando o início do fim dos Assumpção. Porém, o relacionamento gerou um fruto: o primeiro neto do Eulálio Narrador. Esse também era um filho do seu tempo, representando-se como comunista e ilustrando a época das lutas ideológicas na época ditatorial. O poder, aqui, configura-se sob a desfaçatez da classe, na qual o narrador comenta sobre aceitar ou não o neto, apenas sob o critério da posição que ele ocupará caso o país se torne um regime comunista. A próxima geração encontra um apego do narrador, no sentido de parecer-se a seu pai, também sob um quesito de poder, mas aqui, o poder é associado às relações amorosas. Eulálio Pai era um *bon-vivant* de seu tempo, traindo a esposa diversas vezes durante o romance, sendo esse, inclusive, o motivo de sua morte. O Eulálio Bisneto assumiu essa posição, configurando um poder sobre as relações que possuía com as diversas mulheres com quem saía, morrendo da mesma forma que seu tataravô. Já o último dos Eulálios representou uma volta do poder político às mãos dos Assumpção (agora, sob a sombra do Palumba). Sendo traficante, ele também figura um filho de seu tempo, agora com o poder sob novas ordens. Esse poder também é notado pelo narrador, nos momentos em que ele esbraveja que o tataraneto é traficante e explodira lugares.

Um ponto importante, explorado ao longo deste capítulo, é o quão importante o nome e o sobrenome são importantes para o romance, fato este resultante da hereditariedade das elites. O último parágrafo mostrou, inclusive, que a configuração do poder, para os Assumpção, muda quando o sobrenome Palumba entra em cena. Nesse sentido, o poder também é configurado no nome e um fato mostra isso perfeitamente: os nomes dos serviçais dos Assumpção, os Balbinos. Brilhantemente, Chico Buarque reitera o poder dos Eulálios sobre os Balbinos quando descreve a forma pela qual Eulálio Narrador comenta sobre a posse do sobrenome dos serviçais:

Antes de exibir a alguém o que lhe dito, você me faça o favor de submeter o texto a um gramático, para que seus erros de ortografia não me sejam imputados. E não se esqueça que meu nome de família é Assumpção, e não Assunção, como em geral se escreve, como é capaz de constar aí no prontuário. Assunção, na forma assim mais popular, foi o sobrenome que aquele escravo Balbino adotou, como a pedir licença para entrar na família sem sapatos. Curioso é que seu filho, também Balbino, foi cavaleiro do meu pai. E o filho deste, Balbino Assunção Neto, um preto meio roliço, foi meu amigo de infância (Buarque, 2009, p. 18).

O poder, aqui, é exercido sobre sua face mais próxima da cordialidade, que Sérgio Buarque de Holanda conceitua em *Raízes do Brasil* (2014). O ato de doar o sobrenome para o escravizado, *a priori*, pode parecer um ato de civilidade, mas é apenas uma forma da manutenção do poder, marcado, inclusive, na grafia do nome. O narrador comenta, algumas vezes, sobre essa “função aristocrática” do “p” mudo. Ele serve para garantir que os Assumpção são superiores aos Assunção. Além disso, esse é um fato revelador da própria configuração do negro na sociedade brasileira, que outrora sequer ser humano era. Além disso, o fato de o Eulálio Avô ser abolicionista e ter um escravo é algo que merece ser ressaltado, ilustrando a contradição pelas quais o abolicionismo nasceu no Brasil. Dessa subcondição, passou à condição de servo, com o Eulálio Pai “empregando” o Balbino Filho como seu cavaleiro. Isso culmina na amizade entre o narrador e o Balbino neto, que é mais

marcada pela exploração do que pela amizade em si, ilustrando o que o Buarque Pai explica na obra.

O PODER NAS RELAÇÕES DO EULÁLIO NARRADOR

Como foi apreendido da sessão anterior, Eulálio Narrador, enquanto narrador herdeiro, teve diversas formas de encarar o poder durante a narrativa. Mas o que se faz interessante trazer de volta a essa sessão é a sua posição enquanto herói fracassado da narrativa. O narrador confirma suas estruturas de poder, porém, responde a várias outras formas de submissão. Embora seja herdeiro, foi um trabalhador medíocre, largado pela esposa, falido e, conseqüentemente, um senhor moribundo.

Eulálio Pai, Eulálio Filho e a Mãe

A relação corrente entre o primeiro círculo familiar do narrador é composta do principal jogo entre poder e aparência. Na época de nascimento do Eulálio Narrador, o Brasil ainda respirava sob os ares de uma nova república emergente, na qual a desilusão que Candido observou em *Literatura e Subdesenvolvimento* ainda não havia chegado. Porém, os ares de uma modernização atrasada, dependente dos países desenvolvidos. A família pela qual nascera o protagonista de *Leite Derramado* era o símbolo dessa elite dependente, que operava no Brasil. A mãe, que era uma aristocrata de família nobre, com vestuários, costumes, importados da Europa; e o pai, um político influente na primeira República, ambos ocupando um palacete nobre em uma Botafogo dentro da metrópole que era o Rio de Janeiro à época, são um retrato dessa elite. Porém, o que é escondido por trás desse retrato reflete bem o que Schwarz se referia em *Ideias Fora do Lugar*, com as relações sendo mediadas pelo poder e pela submissão.

A relação entre os pais do narrador é fachada para um casamento condenado ao fracasso. Eulálio Pai era um símbolo de

dominação, tanto para a mãe, quanto para o filho. Eulálio, de fato, considera-o uma figura superior à sua, querendo mimetizar tudo o que o pai era. E esse sentimento acabou por refletir-se na mãe, que também era desrespeitada pelo filho. A relação com o pai era tão profunda que o primeiro uso de cocaína do protagonista ocorreu durante a estadia na Europa. Além disso, Eulálio Pai também era um *bon-vivant* imerso na vida boêmia da França. Porém, o Eulálio Narrador não conseguia seguir o estilo de vida do pai, era completamente dependente de Matilde, mesmo assim, continuava a emular o pai. Essa visão quase divina do pai é bastante presente na cena em que Eulálio, já velho e decadente, ainda usa os pijamas do pai, como símbolo de poder sobre a adversidade que o assolava naquele momento.

No contraste à figura dionisíaca do pai, estava a figura heriana da mãe. Ela figurava como a esposa que aguardava o marido, comandando a casa. Embora seu poder, na família, fosse subjulgado ao poder do pai, a matriarca ainda possuía poderes dentro de casa. Em suas falas, pode-se captar perfeitamente o preconceito de classes que se operava no Brasil àquela época. As falas em francês, para que seus serviçais não entendam, a moda importada, eram instrumentos pelos quais ela se valia para reforçar sua posição. Eulálio, quando observado sob o espectro da mãe, é um catalisador desses bons modos que ela tentava impor aos seus. Todo o aparato que sustenta a figura de moço aristocrático que o narrador possui descende da mãe. Esse traço, inclusive, influenciará muito a relação que Eulálio Narrador tem com Matilde, num jogo ainda mais intrínseco de poder.

A falta de poder da mãe, enquanto personagem própria, aparece demarcada no romance com a falta de seu nome próprio. Todos são nomeados, menos a mãe, cujo nome, apenas tem-se acesso ao “Montenegro”. Essa ilustração representa o patriarcalismo da época, na qual as mulheres eram ligadas sempre à família, seja como mãe, seja como filha.

Outro fato interessante que também merece ser comentado é que os casais morreram em suas funções e espaços de poder. Eulálio Pai morreu por um crime passionai, quando relaciona-

ra-se com uma mulher casada, culminando no cônjuge assassinando-o. A mãe, por outro lado, morreu em casa, balbuciando seus delírios senis. Essa ilustração da mãe, inclusive, é uma boa forma de metaforizar como a elite Assumpção morreu tentando segurar os últimos fragmentos do seu poder, na qual seu último representante, o próprio narrador centenário agoniza decadente nos fundos de uma igreja no espaço que outrora era um dos seus símbolos de riqueza.

Eulálio e Matilde

Como citado na seção anterior, Eulálio procurava emular o comportamento do pai em várias de suas áreas da vida, empregatícia, social, etc. E o matrimônio com Matilde não fugiu desse fato. Eulálio precisava reeducar aquela mulher, transformá-la aos moldes de sua mãe, pois assim como o pai a dominara, Eulálio precisa domar a própria esposa. Porém, como dito neste ensaio, o casamento dos dois é uma disrupção. Matilde era quase um oposto de Eulálio. Enquanto ele era um representante da aristocracia, cheio de boas maneiras, ela era uma jovem, de pele mais escura que as irmãs (descobre-se que ela é adotada, fruto de uma traição do pai), que fala pouco francês e gosta de dançar maxixe.

Essas características de Matilde conferiram um ponto inicial central para observar-se a história: A mãe de Eulálio reprovava o relacionamento. Como já foi dito, a mãe é uma mulher filha da alta aristocracia e da elite, principalmente, da elite branca. Nesse sentido, ambas eram tão opostas quanto Matilde era oposta a Eulálio. O capítulo 14 é um símbolo desse fato, quando a mãe de Eulálio promove um jantar após a morte do pai, na qual Matilde sente-se muito mais confortável com o mordomo da mãe, do que à mesa de jantar, falando seu francês.

Como foi citado, Eulálio tentava emular o pai, Porém, Eulálio tinha um fator que o diferenciava muito de seu pai, e acabou culminando num outro rumo que a história toma: o ciúme. Eulálio, ao contrário do pai, que possuía uma relação por aparências

com a mãe, tinha uma relação pela qual ele realmente era, de um modo controverso, apaixonado por Matilde. Quando ela sumira, inclusive, ele tentou procurar outras mulheres que se vestissem como ela, possui delírios enquanto se reimagina com a ex-esposa. E todo esse amor frutificou um ciúme em relação ao francês Dubosc. Chico Buarque, aqui, produz um enredo que é praticamente Dom Casmurro do século XX, no qual não se sabe se ela de fato fugiu com o francês. Em uma das passagens do livro, ele chega a descobrir uma traição, mas não é exatamente de sua esposa, mas de um médico relacionado a Dubosc. Isso advém do fato de que, como foi dito, Eulálio é um herói fracassado. Ele é rebaixado perante todos os homens que passaram na sua vida, nesse sentido, ele enxerga que o espírito aventureiro de Dubosc é chave para a fictícia relação dos dois. Além disso, é aqui que o efeito machadiano fica evidente. Bento Santiago é um narrador que não é confiável, quando rememora sua vida e acusa Capitu de traição. Eulálio também não era confiável, pois no próprio texto, já inflavam-se os efeitos do ciúme na fala de Eulálio, assim como em Bentinho. Além disso, há de reiterar-se que é um narrador centenário num solilóquio que gira em si mesmo, cheio de desencontros.

Outro fato importante para comentar é o próprio título, Leite Derramado, que faz alusão ao leite materno que Matilde derubara. Porém, esse mesmo leite derramado também configura a relação pela qual ambos passavam. Eulálio esgotou-a a tal ponto que o leite, que outrora era nutritivo, agora é derramado no chão do banheiro.

Assim, pode-se dizer que Matilde era subjugada ao poder que Eulálio tinha. Porém, ao contrário da mãe, o horizonte de possibilidades da esposa eram maiores, pois ela não tinha que performar a esposa aristocrática e nem fazia questão de fazê-lo. Nesse sentido, ela pôde sumir da narrativa. Não se sabe como, mas Matilde desaparece da trama, reunindo dúvidas de como isso aconteceu. Isso revela que, na verdade, escondia-se um poder secreto de Matilde sobre Eulálio. Poder esse que fraturou sua relação com a Igreja, com a mãe, com os valores que construíra até então. Além disso, essa relação foi palco para o começo do fim da linhagem dos Assumpção.

Eulálio e Maria Eulália

A relação com Matilde, como foi discutido aqui, gerou o começo do fim. Esse começo é bem demarcado por Maria Eulália. Durante a narrativa, Eulálio parece não a levar tão a sério. Embora seja sua filha, e ele a trate como tal, em vários momentos ele desdenha dela, ressaltando seu envelhecimento, principalmente. Isso acontece, principalmente, quando Eulálio começa a perceber que ela não estava mais parecendo Matilde, mas sim, sua mãe. E, como Eulálio ainda estava obcecado em achar a esposa, e não a encontrava na filha, Eulálio depreendeu pouco de sua atenção para a filha, recompensando os netos. A presença da falta da mãe também afetou Maria Eulália de algumas formas, culpabilizando os vestidos por serem amaldiçoados por serem de uma “mãe louca”, por exemplo. Além disso, Matilde sempre apareceu como um fantasma na vida de Maria Eulália, representando também o caçoar dos colegas de infância, quando essa não pudera confirmar a existência da mãe.

Essa relação de Eulálio com os netos fica ainda mais demarcada com o seu bisneto. O filho comunista de Maria Eulália sumiu, amargando-a. Nesse sentido, ela não foi a avó mais primorosa, deixando seu neto de lado. Curiosamente, esse foi o mesmo caso que afetara seu pai quando a mãe sumiu. Nesse sentido, Eulálio acabou por encarregar-se da criança nova. Inclusive, é esse neto que se aproxima do pai. Porém, esse desaparecimento da figura de Maria Eulália como avó fez surgir uma Maria Eulália mais preocupada consigo mesma, que, inclusive, apreciou-se às artes. Por todo o momento da trama, porém, Maria Eulália tenta suprir as faltas que teve durante a vida, como a do pai, a da mãe, a do filho. Além disso, ela também é subjugada pelas relações amorosas que constrói. A de Amerigo, principalmente, mas também a construída com Xerxes, que a agride.

O que se pode ressaltar de Maria Eulália é que ela é bem parecida ao pai, na verdade. Assim como o pai, ela também é uma

heroína fracassada, envolta num universo de faltas. Porém, ela também tem um papel importante na decadência dos Assumpção. É sob seus cuidados que as casas, que Eulálio tanto ostentava, foram perdidas. Nesse sentido, ambos são os que representam o fim da dinastia Assumpção, mas também os últimos sobreviventes dessa dinastia. Todos, da família, que possuíam algum poder, estão agora mortos, restando eles. O curioso é que Eulálio ainda tenta restaurar sua memória na ruína em que se encontra, ao contrário da própria Maria Eulália, que rechaça sua memória na Igreja em que moram, observando essa família que a gerou sob um conjunto de pecados.

Eulálio e Balbino

As relações do narrador com seu “amigo” são baseadas na servidão da família de Balbino aos Assumpção. Porém, o que se discute aqui é como essa terceira geração relaciona-se. O princípio da cordialidade, aqui, é extremamente inflamado, ainda induzido pela ideia de democracia racial. Essa relação é bem representativa ao demonstrar as condições pelas quais o negro pós-abolição sobrevivía. Embora sejam parceiros de pequenas aventuras, o Balbino era um objeto de poder de Eulálio. Isso é ilustrado, principalmente, pelo quarto capítulo, no qual ele tem a ideia fixa de abusar sexualmente do mesmo, usando como justificativa a tradição senhorial e também o direito de primícias, ressaltando seu poder sobre o neo-cativo.

Além disso, Eulálio sempre demonstrou que Balbino não era alguém da sua estirpe. A disparidade educacional entre os dois é uma prova disso. Enquanto Eulálio estudava, Balbino era impedido, resultando em trabalhar. Essa relação de subserviência continuou afetando a linhagem dos Balbinos, na qual a babá de Maria Eulália é Balbina, sua irmã.

Balbino, porém, também tem um papel importante no livro de Buarque quando contracenava com Matilde. Embora sejam de

classes diferentes, Matilde e Balbino possuem a cor e os gostos em comum. Por Matilde simpatizar-se com a cultura mais popular - tratada como a cultura mais baixa, por Eulálio -, ao longo da narrativa, ela foi a que se conectou mais firmemente aos indivíduos de outras camadas. Nesse sentido, em uma das cenas mais emblemáticas do livro, Eulálio encontra Balbino e Matilde dançando o que parece ser um samba da época, resultando na quebra da vitrola que ouviam e no futuro sumiço de Matilde. Mas o que importa aqui é como a descrição da cena revela os preconceitos de cor e classe que Eulálio nutria. Ele reitera diversas vezes a cor de Balbino, chegando a citá-lo como crioulo. Ele reitera também que a pior infâmia era ver Matilde “nos braços daquele crioulo” (Buarque, 2009, p. 116), ao contrário das cenas em que imaginava Matilde com Dubosec, nas quais, nas vezes que ele criticava, ele reiterou a cor castanho da esposa, deixando poucas ofensas ao francês. Essa distinção de insultos revela o quão forte era a questão racial na época, embora seja dita sob os conceitos da democracia racial.

Outro traço também importante nessa relação é a visão sexual que Eulálio tem sobre Balbino. Em ambas as vezes em que Balbino é um dos centros da trama, Eulálio comenta sob um olhar meio erótico, mas no sentido dominante da palavra. Na primeira vez, é quando surgiram seus pensamentos sobre estuprar o “amigo”. Ele reiterava seu jeito meio feminino de abaixar, a subida para pegar mangas no alto. A segunda vez é quando encontra Balbino e Matilde dançando e repara que as nádegas eram maiores que a da irmã, sob as calças roxas. Esse traço da relação dos dois apenas reitera a visão de poder que Eulálio tinha sobre Balbino. Ele queria obter um controle sexual sobre Balbino, pois, durante a trama, é uma das poucas personagens que ele tem um controle real.

Eulálio por Eulálio

Esse ensaio seria incompleto se não se aprofundasse sobre a relação que o Eulálio Narrador tem consigo mesmo. Existem três espectros desse Eulálio auto-narrado: a criança que pensava

ter poder, o adulto que tentava exercer esse poder e o velho subjugado pelos outros.

O primeiro Eulálio, que cogitava estuprar Balbino, por exemplo, era seguro de si e seguro do seu poder sobre as pessoas. Era real um filho de seu pai e pensava herdar seus privilégios. Esse foi o Eulálio que cortejou Matilde até conseguir casar com a mesma, com suas relações na cozinha do palacete de Botafogo. Esse é um momento em que ele exercia, até, um certo poder sobre Matilde. Esse mesmo Eulálio foi o menino-diabo, que incomodava os serviçais da casa, que desafiava a mãe, herdando esse traço de poder do pai.

Já o segundo Eulálio, o adulto que, de fato, herdara os negócios do pai, representou uma quebra na visão de poder que aquele Eulálio Criança tinha. Aqui, ele vê-se contraposto às funções que o pai exercia. Como se fosse uma experimentação real da vida que ele tentava emular do pai. Embora a emulação do pai seja um traço que ele leve por toda a vida, ele não consegue exercer essa persona. Como já fora analisado aqui, em todas as relações em que ele pensava possuir poder real nas mãos, ele não o tinha. A relação com Matilde, por exemplo, foi marcada pela execução e esvaziamento desse poder. O trabalho como político também foi deteriorado, pois ele simplesmente não era o pai, era simplesmente o herdeiro fracassado dos Assumpção, o que leva ao terceiro Eulálio.

Esse terceiro Eulálio é marcado pela decadência, pela velhice moribunda. É nessa fase, sob a memória girando em si própria, que Eulálio ainda tem os lampejos de poder que outrora pensava ter. Porém, ele ainda tenta se apoiar no sobrenome Assumpção, procurando vagas remanescentes para exercer o poder falido. Aqui é onde de fato o leite está derramado e ele tenta aproveitar as sobras do chão. A desfaçatez da classe também fica ainda mais exposta aqui, pois Eulálio tenta a qualquer custo firmar-se acima das pessoas que o cercam, seja no hospital, no puxadinho da Igreja onde mora. Essa desfaçatez também reside no fato de que Eulálio procura usar o nome do neto traficante para tentar reafirmar algum poder, porém, seu nome não abre mais portas.

Em suma, a relação de Eulálio consigo mesmo é de um sujeito que sente a decadência. Eulálio é uma ilustração da elite que outrora era forte e agora arrasta-se procurando maneiras de sobreviver. Essa afirmação fica ainda mais explícita quando se nota que Eulálio é o último dos Assumpção. O clã Palumba já se fora, levando consigo os remanescentes dos Assumpção, sendo ele próprio, o narrador, o último, na condição de velho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No fim, *Leite Derramado* é um romance no qual poder e aparência entram em rota de colisão. As relações de poder, descritas sob diversos momentos da História brasileira, revelam como as elites configuraram-se naquilo que Candido cita como modernização atrasada, magistralmente, sob a voz de um filho decadente dessas elites. Chico Buarque, aqui, produz uma obra que é de fato uma tradução da elite presente nos séculos XIX e XX. Essa obra faz perceber a relação intrínseca, também, da hereditariedade desse poder. Foi ficcionado um clã que influenciou o Brasil em quase trezentos anos.

Além disso, a obra também revelou como as relações de poder apresentavam-se numa esfera mais interna da elite. Buarque orquestrou uma verdadeira ópera decadente, na qual o poder externo era também figuração para o poder interno. A relação entre o Eulálio Pai e a mãe do narrador é um exemplo claro dessa configuração de poder, onde o senador era praticamente um soberano bon-vivant, subjugando todos a seu favor, inclusive o filho e a esposa. Mas essa orquestra também é extremamente verdadeira quando não canoniza essa mãe, mostrando a verdadeira face das elites do século XX, com seus preconceitos, extravagâncias e feitos.

Outro fator que destaca o texto é a consciência da decadência. Embora Eulálio Assumpção tenha seus delírios de que ainda esteja com poder e renegue sua atual condição, Chico Buarque monta, exatamente nesse recorte, a ironia da decadência. A consciência de país com uma modernização dependente, tardia e sub-

desenvolvida não é percebida por Eulálio enquanto narrador, mas é apontada por Buarque enquanto escritor.

Além destes, é necessário relembrar sobre como o poder é configurado em Matilde e Eulálio. Embora Eulálio, sob a vista de todos, tenha controle de Matilde, é interessante notar que, mesmo que ela esteja sob sua tutela, ela tenta ao máximo não se perder e ainda produz um efeito sobre ele. É uma contradição interessante, pois enquanto aparenta que ele tenha poder sobre ela, o texto revela que ela também possui um certo poder sobre ele. Durante boa parte da narrativa, ela não renuncia seus gostos, de suas formas para adequar-se às formas dos Assumpção. E, além disso, ela é quem define seu destino, ao contrário da mãe que Eulálio, que morre presa à própria condição de elitizada. Embora tenha desaparecido no romance, foi ela quem definiu seus termos.

Um ponto também digno de relembrar é a forma pela qual o processo escravista e pós-escravista serpenteou o romance. Buarque foi certeiro em determinar o poder que os Eulálios Assumpção tinham sobre os Balbinos Assunção sob o espectro do cordialismo. É uma camada fina que deixa translúcida a real relação entre o senhor de escravos e escravizados. Além disso, ele também mostra como esse poder é exercido nos mínimos detalhes, seja trabalhando, sendo amigo ou sendo escravizado de fato.

Em suma, o romance é um excelente revelador de um Brasil que, como fora apontado por Candido, atrasou-se perante o mundo. Além disso, o livro também é um grande exemplo das ideias fora de seu lugar, que Schwarz apontou. A relação entre o passado glorioso e o presente em ruínas é exatamente o sentimento que operava e ainda opera a formação do Brasil.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. *A elegia de abril*: aspectos da literatura brasileira, v. 6, p. 185-195, 1974.

BUARQUE, Chico. *Leite derramado*. Companhia das Letras, 2009.

CANDIDO, Antonio *et al.* *Literatura e subdesenvolvimento: a educação pela noite e outros ensaios*, v. 2, p. 140-162, 1989.

DE HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 27. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

LUKÁCS, György. O romance como epopeia burguesa. In: CHASSIN, J. (org.) *Ensaaios ad hominem*. Trad. de Letizia Zini Antunes. Tomo II (Música e literatura). São Paulo: Ad Hominem, 1999. p. 87- 136.

SCHWARZ, Roberto. *As ideias fora do lugar: ensaios selecionados*. Editora Companhia das Letras, 2014.

SCHWARZ, Roberto. Cetim laranja sobre fundo escuro. In: SCHWARZ, Roberto. *Martinha versus Lucrecia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.